

EDUCAÇÃO PARA AS SEXUALIDADES: DIALOGANDO SOBRE O AUTOCUIDADO E O ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ATRAVÉS DO ENSINO DE CIÊNCIAS.

¹Izelma de Souza Costa; ²Cleide Amanajás Lourenço.

¹ Izelma de Souza Costa – Mestre em Educação sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, Professora de Ciências da Rede Pública do Estado do Amapá, e-mail izelma.costa@hotmail.com; ² Cleide Amanajás Lourenço- Mestranda em Educação pela Uiversidad de La Imprensa; Pedagoga da Rede Pública do Estado do Amapá, e-mail cleideamanajas@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho teve como finalidade esclarecer como alguns conceitos da sexualidade presentes na atual dinâmica da vida em sociedade se presentificam no espaço escolar, enfatizando, sobretudo, o discernimento entre o toque de carinho e o toque sexual abusivo, bem como apresentar outras formas abuso sexual. Deste modo, para alcançar estes objetivos buscou-se como recurso metodológico para esta atividade, que apresenta natureza qualitativa, a exposição de conceitos básicos da sexualidade em projeção multimídia, e filmes de animação para que pudessem garantir a sustentação dos diálogos e posicionamentos dos alunos frente ao tema. Desta maneira, o trabalho contemplou 350 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental II de uma escola da Rede Estadual de Macapá, através da disciplina de Ciências nas modalidades Ensino Regular, Educação Especial e Educação de Jovens e adultos. Os resultados demonstraram que os alunos estão aptos a discussão sobre as questões da sexualidade na escola desde o 6º ano e que a disciplina de ciências possui uma flexibilidade nos conteúdos que pode auxiliar os alunos na construção da própria identidade, nas descobertas do corpo, na construção de valores e na vivência da sexualidade, de modo prazeroso, consciente e cidadão. Também evidenciou-se que o acesso a informação é uma forma de prevenção e de diagnóstico de abuso sexual infanto-juvenil, posto que neste trabalho dois casos foram identificados entre as alunas do 6º ano, demonstrando assim a necessidade de uma educação sexual comprometida com a dignidade humana dos alunos.

Palavras-Chave: Sexualidade, Abuso Sexual, Educação Sexual.

Introdução

Dentre os múltiplos processos que atravessam a educação formal, não há como desconsiderar, que o ambiente escolar sofre interferências das relações que se estabelecem a partir dos contextos e cenários histórico-sociais extra muro presentes na vida de seus frequentadores. Estes processos são capazes de provocar, marcar e manifestar-se com certa frequência no espaço escolar, tanto de forma positiva quanto de forma negativa, configurando

assim, em muitas circunstâncias uma situação problema, que normalmente, acarreta déficits no processo de ensino-aprendizagem, além de dificuldades nas relações sociais dos alunos.

Em meio as diversas possibilidades de situações que perpassam pela escola, especialmente no Ensino Fundamental, estão aquelas ligadas à sexualidade como a autodescoberta do corpo, a constituição da identidade sexual, a afetividade e interesse pelo outro, que pode ser ou não do mesmo sexo biológico. Outro elemento de cunho sexual, que se apresenta e marca de forma negativa o processo de ensino-aprendizagem nas escolas são os casos de abuso sexual, que segundo Faleiros; Faleiros (2007) são caracterizados como todo e qualquer ato de natureza sexual de crianças e adolescentes em que eles não apresentam condições físicas e psicológicas e sociais para enfrentar o abusador ou a abusadora.

Este tipo de violência pode apresentar-se na forma de contato físico iniciado geralmente como “carinhos” simples que com o passar do tempo evoluem para penetrações de objetos ou do pênis em diversas partes do corpo da vítima, como na região anal, oral ou vaginal. Também pode mostrar-se na forma de agressões psicológica figurando ora como ameaças ou ora com discursos negativos traumatizantes ou ainda, na forma de sedução, na qual a vítima “permite” o abuso por não possuir maturidade para discernir entre os prejuízos e os “benefícios” da violação que está sofrendo.

Neste sentido, o abuso sexual configura-se como uma violação dos direitos humanos, uma vez que fere a integridade física, psicológica, além de expor a criança ou o adolescente a uma marca social, um estigma, assinalando-o como um sujeito ao qual foi negado direito ao autoconhecimento, a liberdade e ao direito ao próprio corpo.

Percebe-se que o abuso sexual pode ser cometido por qualquer pessoa do convívio da criança ou do adolescente. Contudo, geralmente, a maioria dos casos se passa no âmbito familiar. E nestes casos, além de negar o direito à sexualidade segura confunde os papéis familiares e principalmente porque há intensos sofrimentos e angústias na vítima, haja vista que inevitavelmente é uma relação que confunde e deturpa as relações sócios, afetivas, os papéis e as funções sociais entre o adulto e a criança, alterando as concepções de pai, mãe, avô, marido, esposa, entre outras (FALEIROS; FALEIROS, 2007).

Para Spazziani e Maia (2015), outro motivo pelo qual a vítima segue “aceitando” e sofrendo as violências de caráter sexual, em silêncio, são laços de dependência e afetividade entre os familiares, que dificultam o rompimento do sigilo que costuma envolver os casos de abusos. Isto significa que na maioria dos casos, as crianças preservam o silêncio porque ainda

que existam situações de abusos que lhes causem dor e sofrimento, por parte de um membro da família, também existem sentimentos de afetividade ou algum de tipo de benefício material ou emocional. De modo que, o silêncio causa a perpetuação da violência pelo poder que o abusador exerce sobre a criança, posto que as experiências, vivências, poder de argumentação, maturidade, recursos, conhecimento de autoridade são maiores, especialmente, quando a figura abusadora é paterna ou materna e mantenedora do lar e da família inteira.

Desta forma, frente a este cenário, observa-se que a escola e, principalmente, o papel do professor tornam-se relevantes no sentido de identificar e ajudar as crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, assim como também nas inquietações oriundas do processo de descoberta da sexualidade e do corpo comum nesta fase da vida. Entretanto, sabe-se que é significativo o número de professores que desconhece os procedimentos a serem tomados nesses casos, bem como estratégias e recursos pedagógicos para desenvolver trabalhos com a temática da sexualidade na escola.

Por isso, é fundamental que se discuta a formação continuada em educação sexual para professores da Educação Básica para assim, prover o acesso, dos professores, aos recursos teóricos que possam sustentar práticas que contemplem as curiosidades, vivências, sofrimentos e necessidade dos alunos acerca da sexualidade humana na escola, especialmente no Ensino Fundamental quando eles estão vivenciando muitas dúvidas acerca deste assunto.

Metodologia

O trabalho foi realizado em uma escola da rede estadual, localizada na região periférica da cidade de Macapá, que atende a um quantitativo de aproximadamente 900 alunos do Ensino Fundamental II, nas modalidades Ensino Regular, Educação Especial, e Educação de Jovens e Adultos (EJA 3ª e 4ª etapas).

O público é predominantemente adolescente com idades variada entre 11 e 14 anos, mas também possui um percentual significativo de adulto-jovens. De maneira geral, carentes de informações sérias acerca do tema sexualidade e sobre as formas de prevenção e combate as violências sexuais em geral.

O trabalho caráter qualitativo, pois considera-se que este é um tipo recurso metodológico capaz de desvelar valores e posicionamentos, assim como conceitos e preconceitos que temas como estes são capazes de abraçar, Paulito (2012). Para tanto, se utilizou como um notebook, um

gravador de voz, uma caixa de som e projetor de imagens slides para expor os conceitos e imagens, além de um vídeo disponível no youtube denominado ¹Abuso Sexual Infantil - sequelas- desenho explicativo para fomentar as discussões e assim permitir a coleta de dados em áudios.

A primeira atividade desenvolvida após o planejamento foi uma apresentação coordenação pedagógica para avaliação do conteúdo, da linguagem, das imagens e do vídeo que havia sido selecionado estivesse em consonância com a faixa etária e o ambiente.

Posteriormente, as atividades iniciaram, com as turmas 6º ano, sustentadas no enfoque dos cuidados com corpo, através de imagens de pessoas em seus hábitos de higiene pessoal, boa alimentação, atividade física, descanso, e por fim, recorria-se às imagens de pessoas maltratando o corpo com o uso de cigarro, bebidas e outras substâncias nocivas ao organismo humano. Somente após essa contextualização, era apresentado o toque no corpo da criança ou do adolescente por outra pessoa, diferenciando-os dos vários tipos de carinho entre as pessoas como o abraço, beijo no rosto, beijo na boca, cafuné, aperto de mão, bem como das relações e papéis diferentes que existem nos atuais tipos de família.

Além disso, os alunos foram esclarecidos sobre as formas de desenvolver a tolerância, o respeito e o reconhecimento das famílias formadas por duas mães, dois pais, entre outros no intuito de promover o convívio com a diversidade no contexto escolar, já que todos têm direito a frequentar a escola e ao convívio social de forma pacífica.

Após a exibição dos slides abria-se espaço para as discussões, nas quais o aluno que se sentisse a vontade poderia compartilhar seu conhecimento, informações e citar exemplos acerca do que estava sendo abordado com as palavras do seu próprio vocabulário sem se preocupar com termologias entendidas como técnicas, científicas ou politicamente corretas. O objetivo, neste instante, era dar voz ao aluno para identificar o contexto, as suas observações e experiências sobre o que estava sendo trabalhado. Posto que a desinformação e o constrangimento ou pelas nuances das relações que se estabelecem na relação entre abusado e abusador fazem com que o abuso sexual este é um dos crimes mais difíceis de serem revelados.

¹ O vídeo atualmente apresenta restrição de conteúdo, para acessá-lo é necessário fazer um pré-cadastro no Youtube comprovando maioridade.

Percebeu-se então que essa liberdade deu tranquilidade para questionamentos e depoimentos mais particulares, nos quais eles expunham as necessidades e curiosidades sobre diversos subtemas envolvendo a sexualidade. Assim, eles iam indicando seus próprios hábitos ou de familiares ou ainda de pessoas conhecidas que de alguma forma se encaixavam nas discussões. E neste momento, os alunos elencavam inúmeros casos de situações de vizinhos, parentes, conhecidos ou reportagens de situações envolvendo o toque abusivo em meninas e meninos.

Resultados e discussão

Um detalhe relevante por eles levantado durante a sessão de diálogos foi a sedução de meninas no entorno da escola, por homens que lhes oferecem celulares como moeda de troca por “relacionamentos” esporádicos ou favores sexuais imediatos. Posto que os celulares modernos são um dos objetos mais desejados pelos adolescentes ultimamente. Logo, percebe-se que as alunas são alvos frequentes de adultos de diferentes classes econômicas que têm a intenção de inferir-lhes a violação dos seus direitos sexuais, inclusive violação de seus corpos sob o pretexto de uma gratificação financeira ou material. Esta revelação converge com os postulados de Santos e Dell’ Aglio (2008), os autores asseveram que uma característica singular do abuso sexual é que ele frequentemente ocorre pelo uso poder ou ainda pela sedução, por isso não deixa marcas facilmente perceptíveis.

Como exemplo destas revelações os alunos destacaram dois recentes casos em que duas alunas, da própria escola, sofreram violência sexual gravíssima após aceitarem “convites” de “caronas” destes homens que circulam próximo à unidade educacional. Tais fatos revelam o quão necessário e urgente a escola precisa abarcar temas sobre a sexualidade para que possa esclarecer sobre os tipos de violação sexual que os alunos estão vulneráveis, assim como também as formas de maneiras de evitá-las.

Neste sentido, destaca-se que cabe a escola o papel de informar sobre a importância da prevenção contra as formas de violência sexual infantil em trabalhos inseridos dentro do contexto da escola com uma educação voltada para a sexualidade, ensinando não apenas a criança a se proteger, mas principalmente a questionar as relações sociais de poder quanto ao direito a vivência da própria sexualidade e ao autocuidado. (SPAZZIANI; MAIA, 2015). Com as discussões avançadas todos ficavam sérios, atentos e tensos, já todos tinham a noção de que o abuso sexual de crianças e adolescentes cria uma relação de perversidade, na qual o adulto

impõe a criança ou adolescente um sofrimento em prol de sua satisfação sexual, que tende a ser duradoura com sérios danos psicológicos.

Detectou-se que os discentes não apresentaram dificuldades ou preconceitos para dialogar sobre questões voltadas para a sexualidade, percebeu-se que eles conheciam e citavam casos semelhantes ao que tinham acabado de assistir ou ainda elencavam outros subtemas que naquele momento não estavam sendo abordados, mas que são pertinentes a vivência da sexualidade ou as formas de abuso sexual.

Esta fluidez permitiu um enfoque sobre o direito sexual e reprodutivo de todo brasileiro, além das formas de prevenção da saúde sexual e também sobre a necessidade de contar para um adulto confiável, se uma pessoa pedir para tocar no corpo deles, ainda que fosse ou seja um parente muito próximo, pertencente à própria família como um primo, um padrasto, um irmão, um avô e até mesmo o pai com o apoio da mãe. Ademais, foi salientado que não existem somente abusadores homens, já que muitas mulheres também cometem este tipo de crime.

Foi alertado que mediante uma situação de abuso sexual os alunos podem pedir ajuda para um professor da escola, de preferencia aquele que eles tenham mais confiança ou qualquer outra pessoa da escola que eles se sintam a vontade. Deixou-se bem claro que os alunos nunca são culpados pelas situações de abuso e que independente das ameaças sempre devem busca auxilio na escola se não houver ajuda em casa e que eles jamais sofrerão qualquer prejuízo sempre que relatarem casos de abuso sexual.

Ao término das atividades, os alunos sempre se despediam com abraços ou um tchau brincalhão. Contudo, em dois momentos, duas alunas do 6º ano, de diferentes turmas, motivadas pelos esclarecimentos disponibilizados, separadamente, informaram que tudo acontecia no filme acontecia com elas em casa. Segundo Faleiros; Faleiros, (2007) é valido mencionar que os casos abuso infanto-juvenil podem apresentar natureza incestuosa, quando o violentador é parte do grupo familiar (pai, mãe, avós, tios, irmãos, padrasto, madrasta, cunhados). Nesses casos, considera-se família não apenas o núcleo consanguíneo, mas também as famílias adotivas e substitutas. Além disso, considera-se também a possibilidade de apresentar um caráter homossexual ou heterossexual. E percebeu-se que apesar de muito jovens os alunos conseguiam assimilar a gravidade do tipo de sofrimento e das conseqüências que envolvem as vitimas de abuso sexual.

De acordo com Faleiros e Faleiros (2007), essa dependência ocorre da seguinte forma:

Essa violência é acompanhada pelo medo, pelo terror, pela submissão, pelo espanto, pelo sofrimento psíquico, constituindo-se ao mesmo tempo em violência psicológica. No âmbito familiar, essas manifestações se vinculam ao uso da força e do poder na relação de superioridade ou autoridade que uma pessoa exerce sobre a outra que dela depende ou que a ela esteja vinculada por laços afetivos, de parentesco. (FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 35)

Com as turmas da Educação de Jovens e Adultos o foco passou a ser o cuidado do adulto com a criança, A partir observações nas mudanças extremas ou sutis de comportamento ou na linguagem verbal ou quando expressadas através de desenhos e brincadeiras. Também se observou a necessidade de o adulto dar credibilidade a voz da criança quando ela relatar que alguém possa estar molestando-a. E novamente, os alunos fizeram muitos relatos. E surgiu outro elemento nas discussões, os alunos relacionaram os casos de abuso contra a criança, esse elemento refere-se com a dependência financeira e a “aceitação” de situações negligenciadoras como o fato de a mãe fazer de conta que não acredita na criança porque depende economicamente do marido e por isso, acaba “aceitando” o abuso frequente contra a filha ou o filho.

Conclusões

Neste trabalho comprovou-se que os alunos são vulneráveis as formas de violação de seus corpos no entorno da escola e que, portanto, necessitam de orientação para que não se tornem objetos da satisfação sexual de abusadores.

Os resultados encontrados revelam que o acesso à informação sobre as formas de cuidado e autoproteção acerca da sexualidade criança e ao adolescente, é uma das medidas mais simples e eficazes no combate ao abuso sexual, assim como no reconhecimento destes como sujeitos de direitos.

Os casos de abusos sexual diagnosticados nesta atividade demonstraram que é papel da escola fazer uma educação sexual desde os primeiros anos do Ensino Fundamental já que as crianças podem estar sofrendo abusos dentro de casa por seus familiares biológicos ou substitutos. E tal situação irá refletir em diminuição das notas escolares e comportamentos diferenciados em sala de aula.

Os principais comportamentos percebidos nas alunas vítimas de abuso sexual durante a atividade foram: Baixo rendimento escolar, comportamento de repulsa com o sexo oposto no qual se incluíam agressões verbais com uso palavrões, apelidos e agressões físicas com mordidas tapas, chutes e puxões de cabelo quando estavam em atividades de socialização, já em outros momentos demonstravam tristeza e permaneciam em silêncio e sozinhas.

Muitas famílias necessitam informação e de orientação para os relatos de uma criança que está sendo abusada sexualmente tenha credibilidade junto a um adulto por ela escolhido para confidenciar a violência, bem como nos procedimentos necessários para que o abuso seja interrompido sem o acúmulo de mais prejuízos físicos e emocionais para a vítima.

É importante que os professores passem por formações em educação sexual a fim de aprender a conduzir os trabalhos que envolvem a sexualidade dos alunos sob o olhar da didática, nos quais possam perceber as mudanças comportamentais, pelas quais as vítimas se expressam e que podem indicar o início ou o agravamento do abuso sexual sofrido.

Além disso, é importante que os professores tenham clareza sobre a legalidade das ações contidas no seu fazer pedagógico. Posto que este é um tema delicado para ser abordado no contexto da escola. Dado que no Brasil, as propostas de educação sexual para a educação Básica em instituições de natureza pública ou privada, de Ensino Fundamental ou médio, nas modalidades de ensino regular, educação de jovens e adultos ou educação especial, ainda é uma tarefa extremamente difícil por diversos fatores, dentre os quais se incluem motivações e desmotivações pessoais e coletivas de cunho religioso, psicológico, social, histórico e, nos últimos anos acrescenta-se motivações políticas que impedem que a questão seja tratada de forma imparcial com objetivos voltados para a formação do alunado.

Sendo, portanto, necessária uma seria discussão em instancias nacionais para que a educação sexual esteja mais presente nas prática pedagógica e ao cotidiano escolar de forma mais clara, compondo o Projeto Político Pedagógico das escolas, subsidiando ações que ofereçam aos alunos a compreensão das diversidades sexuais, das formas de vivenciar e reconhecer a própria sexualidade e a sexualidade do outro, de conhecer os direitos individuais e coletivos pertinentes a proteção da saúde sexual e o autocuidado sobre o corpo, além de não permitir o toque e uso do corpo por pessoas que tenham o objetivo de obter satisfação sexual abusiva de crianças e adolescentes.

Bibliografia utilizada

FALEIROS, V. P; E.S. **Escola que protege: Enfrentando a violência contra Crianças e Adolescente**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria da educação Continuada, alfabetização e diversidade. Brasília: MEC. 2007. Edição Eletrônica.

SANTO e DELL'AGLIO. **Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: Ciclos de violência**. Estudos de Psicologia I Campinas I 25(4) I595-606 I Outubro-Dezembro 2008.

SPAZIANI, R.B; MAIA. R, B; A, C. B. **Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: Concepções de professores**. Ver. psicopedagogia; 2015.32(97): 61-72.

<https://www.youtube.com/watch?v=XH2LM5tN6SU>. Acessado e baixado em 10 de Setembro de 2016.

http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acessado em 09 de Setembro de 2018.